

## Editorial

# Medicina Física e de Reabilitação, Sistemas de Informação, TeleSaúde e TeleReabilitação

## *Physical Medicine and Rehabilitation, Information Systems, Tele-Health and Tele-Rehabilitation*

Paula Amorim<sup>(1)</sup>

A Medicina Física e de Reabilitação (MFR) assenta no trabalho de uma equipa multiprofissional centrada nas necessidades bio-psico-sociais do doente, numa abordagem holística que a caracteriza. A comunicação é fundamental na eficiência desta equipa, em qualquer contexto, seja em ambulatório ou no internamento e nos diversos níveis de cuidados de saúde – cuidados hospitalares, cuidados continuados, cuidados convencionados e é expectável que em breve seja uma realidade também nos cuidados de saúde primários.

Numa era de desmaterialização, a partilha de informação deve estar sustentada no processo clínico electrónico (PCE), assente num sistema de informação que respeite as necessidades de cada profissão e facilite ações conjuntas, com permissão de acessos controlados e que diferencie os níveis de acesso a diferentes tipos de informação consoante o grupo profissional; o PCE deve ainda garantir a interoperabilidade técnica e semântica. Os sistemas de informação assumem um papel importante na prevenção e resolução de eventuais conflitos decorrentes das barreiras de comunicação. Devem complementar múltiplas visões, centrarem-se no doente e apoiar a decisão clínica. Resumindo, devem evitar redundâncias e promover a eficiência.

Estamos a viver uma revolução tecnológica na Saúde, onde o papel cada vez mais é visto como um desperdício, uma barreira à comunicação e um meio ineficiente de trabalho. Estamos na era da receita sem papel, da desmaterialização dos atestados de condução, da desmaterialização dos boletins de vacinas, do acesso ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) através de um *click* no telemóvel, das teleconsultas, da

telemonitorização, do telerastreio, da partilha de dados clínicos na Plataforma de Dados em Saúde (PDS), permitindo a qualquer médico o acesso a todo o percurso do utente.

Nesta era da digitalização em que vivemos, a MFR pode e deve assumir um papel determinante. Está em marcha o processo de desmaterialização de meios complementares de diagnóstico e terapêutico, onde a nossa especialidade é determinante. A TeleSaúde, nas vertentes da telemedicina, teleformação e telemonitorização deverão fazer parte de uma nova abordagem em reabilitação, a TeleReabilitação, em projetos concertados com vista a aproximar profissionais, partilhar conhecimentos, levar a Reabilitação a qualquer lado e a todos os cidadãos e promover o seu *empowerment*.

A MFR está a ser chamada para acompanhar esta revolução e para contribuir para a mesma. Estamos nós preparados? Estamos nós conscientes da importância deste caminho na afirmação da nossa especialidade e no *lifting* que esta nova abordagem pode fazer na imagem na nossa especialidade e que é vital para o seu futuro? Está na altura de fazermos todos uma reflexão e vermos de que forma podemos contribuir. É um caminho irreversível e no qual devemos ter um papel ativo e de coordenação, num trabalho inclusivo em equipa multiprofissional como sabemos tão bem fazer.

Neste âmbito, os quatro Centros de Reabilitação aceitaram o desafio da criação do Grupo de Trabalho de Apoio à Prática Clínica e Investigação nos Centros de Reabilitação, integrado na Comissão de Acompanhamento da Informatização Clínica (CAIC) dos

(1) Diretora Clínica do Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro-Rovisco Pais (CMRRC-RP), Tocha, Portugal  
Autor correspondente: Paula Amorim. ploamorim@gmail.com. Quinta da Fonte Quente, 3064-908 Tocha  
Data de submissão: maio de 2017  
Data de aceitação: junho de 2017

Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS). Este grupo tem como missão a uniformização de instrumentos de avaliação e registo clínico, com vista a encontrar uma bateria de instrumentos consensual e que cubra as dimensões a avaliar por rotina nas principais patologias em internamento (acidente vascular cerebral, lesão medular e traumatismo crânio-encefálico); estes instrumentos não pretendem conflitar com a prática clínica e devem respeitar a individualidade de cada Centro, que continuará com a liberdade de usar outros instrumentos de avaliação e de registo clínico para além destes. O objetivo será a informatização dessa bateria e a interoperabilidade técnica entre os diferentes sistemas de informação existentes nos vários Centros. Esta interoperabilidade permitirá a partilha de informação e facilitará a investigação multicêntrica.

Algum caminho também está a ser feito na teleSaúde. O Serviço de Reabilitação Geral de Adultos do Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro – Rovisco Pais (CMRRC-RP) e o Serviço de Medicina Física e de Reabilitação do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) abraçaram juntos o projeto da Via Verde da Reabilitação do AVC em parceria com o Serviço de Neurologia do CHUC e construíram o primeiro projeto piloto de Telemedicina em Reabilitação do país, com o apoio da ARS Centro. Este projeto ainda se encontra em fase piloto, mas com avaliação positiva e pretende-se no futuro alargar a outros hospitais. Também o Serviço de Lesionados Medulares iniciou a referência para triagem de colocação de bomba de baclofeno aos seus doentes internados através da Telemedicina com o Serviço de Neurocirurgia do Hospital Santa Maria em Lisboa. Paulatinamente pretende-se alargar estas experiências a outros interlocutores, em ambos os sentidos, de forma a aproximar os profissionais de

várias instituições, facilitar a comunicação e agilizar procedimentos, permitindo assegurar o percurso dos doentes (*clinical pathway*) e a integração de cuidados com recurso às novas tecnologias. A teleassistência/telemonitorização é outra área que está a ser trabalhada no CMRRC-RP, com a contribuição da Universidade de Aveiro (Departamento de Eletrónica, Informática e Telecomunicações), bem como a teleformação em articulação com o Centro Nacional de TeleSaúde (CNTS), com vista à capacitação dos doentes e dos seus cuidadores, agarrando a oportunidade e o dever de uma contribuição eficaz para a Literacia em Saúde.

É objetivo do Ministério da Saúde a implementação de metodologias de avaliação de resultados do trabalho que é realizado ao nível da Reabilitação nos diversos tipos de cuidados. Este é um trabalho hercúleo, no qual a Sociedade de Medicina Física e de Reabilitação, o Colégio de Medicina Física e de Reabilitação e a Associação Portuguesa de Médicos Fisiatras têm vindo a colaborar com a ACSS e em conjunto com outras entidades. É um caminho difícil, mas onde tem sido possível ver a necessidade premente de mudança de paradigmas e de um ponto de viragem na Especialidade, com ainda mais firmeza na defesa dos seus princípios enquadramentos que todos nós aprendemos durante o Internato Médico.

Há que estar atentos e olhar para o horizonte. Usar o nosso saber em prol da população portuguesa, que em face do seu envelhecimento e da crescente prevalência de doenças crónicas incapacitantes, precisa de uma Especialidade forte, modernizada, unida, inclusiva e centrada nas necessidades dos doentes, que lidere as mudanças que se aproximam.

Há muito para fazer e o difícil é simplificar!